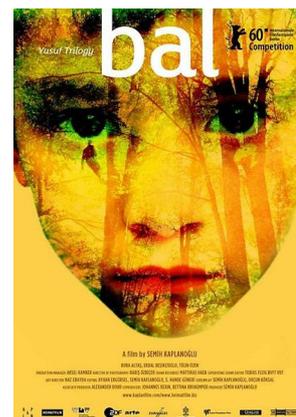


sinopse Numa aldeia remota da Turquia vive o pequeno Yusuf (Bora Altas), de seis anos. O pai (Erdal Besikcioglu) é apicultor e é na floresta que encontra o sustento da família. Mas as abelhas escasseiam, obrigando-o a afastar-se cada vez mais de casa. Uma noite, o pai não regressa. E Yusuf deixa de conseguir expressar-se por palavras...

Último filme de uma trilogia sobre a infância e adolescência do turco Semih Kaplanoglu, vencedor do Urso de Ouro na 60.ª edição do Festival de Berlim.

ficha técnica

Título original: Bal (Alemanha / Turquia, 2010, 103 min.)
Realização e Produção: Semih Kaplanoglu
Interpretação: Bora Altas, Erdal Besikcioglu, Tülin Özen
Argumento: Semih Kaplanoglu, Orçun Koxsal
Fotografia: Baris Ozbiçer
Montagem: Ayahan Ergusel, S. Hande, Semih
Distribuição: Clap Filmes
Estreia: 25 de Março de 2011
Classificação: M/12



Delícia turca

Luís Miguel Oliveira, Publico de 25 de Março de 2011

Semih Kaplanoglu demonstra uma capacidade imaculada para se colocar entre o olhar dos adultos e o do miúdo protagonista, neste pertinente retrato da Turquia profunda

Urso de Ouro no Festival de Berlim do ano passado, "Mel" é o terceiro tomo da trilogia que fez de Semih Kaplanoglu o cineasta turco contemporâneo mais conhecido internacionalmente a seguir a Nuri Bilge Ceylan. Os nomes dos outros dois filmes da trilogia são tão nutritivos como o deste: "Ovo" (que ganhou um prémio na primeira edição do Estoril Film Festival) e "Leite".

Mas é com o "Mel" que ele chega às salas portuguesas, e se ao espectador recém-chegado ficará a escapar o desenho do conjunto dos três filmes, conhecê-lo não é indispensável à fruição deste filme. De certo modo, "Mel", no seu conflito essencial, ilumina, ou pelo menos resume, o que está em causa na trilogia: um olhar sobre a província turca, captado na bifurcação entre um modo de vida tradicional (as coisas que a terra dá, ainda que por intermédio dos animais: os ovos, o leite, o mel) e a perspectiva de uma outra coisa, muito mais difusa, a que se podia chamar a "modernidade". De uma maneira que o filme não resolve (e a não-resolução é o seu ponto), o miúdo protagonista simboliza esse impasse, no à-vontade da sua relação com a natureza (as abelhas do pai, a floresta) e na falta de à-vontade com as coisas da escola (a dificuldade em aprender a ler como uma "resistência", digamos, atávica). Imaginamos que este conflito, que o filme expõe sem retórica nenhuma e numa subtilidade a toda a prova, é pertinente enquanto retrato da profunda Turquia contemporânea. O que serve, em todo o caso, como medida da inteligência de "Mel". Mas não é forçosamente aquilo que mais o distingue. Antes uma capacidade, imaculada, de se colocar entre o olhar dos adultos e o olhar do miúdo protagonista, para dar a ver um mundo que é sempre, ao mesmo tempo, muito misterioso e muito familiar - características que marcam, em especial, toda a relação com a natureza (a terra e as árvores, mas também o céu e as nuvens), com os seus silêncios mas sobretudo com os seus ruídos (os seres humanos de "Mel" falam pouco, mas em compensação a natureza palra que se farta). E Kaplanoglu confirma-se como um adepto do plano-sequência expectante e desafectado: a cena em que dá o badagaio ao pai do miúdo é extraordinária.

Da Turquia, com amor

João Lopes, Cinemax

Distinguido com o Urso de Ouro do Festival de Berlim de 2010, "Mel" é um belo exemplo de um universo — o cinema turco — que tão mal conhecemos.

Yusuf (interpretado pelo talentoso Bora Atlas) é um rapazinho que vive com os pais, nos confins do Mar Negro — a sua dificuldade de expressão torna-o algo marginal no dia a dia da escola; ao mesmo tempo, o pai inicia-o na delicada arte de tratar das colmeias e é, de facto, o único com quem consegue estabelecer um diálogo regular. Este brevíssimo resumo do filme "Mel" poderá ajudar-nos a compreender a sua especificidade, mas também o seu tocante universalismo. Esta é, afinal, uma história de um mundo remoto, quer em termos geográficos, quer nas suas relações familiares e sociais; ao mesmo tempo, a odisseia de Yusuf possui todas as componentes de uma pequena epopeia sobre os mistérios do amor e os laços (ou as barreiras) entre crianças e adultos. Realizado por Semih Kaplanoglu (nascido em Izmir, em 1963), "Mel" é um exemplo solto de um cinema turco cujos criadores tão mal conhecemos — lembremos, por exemplo, o nome de Nuri Bilge Ceylan ("Climas", "Três Macacos") como um dos que já teve divulgação no nosso mercado. Mas a sua singularidade estética, a meio caminho entre o despojamento documental e a subtil elaboração narrativa, permite-nos pressentir a vitalidade de todo um universo criativo.

Distinguido com o Urso de Ouro do Festival de Berlim de 2010, "Mel" é também um objecto que desmente a visão banal, por vezes paternalista, das cinematografias "exógenas". É pena que um filme destes não possa ter a visibilidade (comercial) de muitos produtos infinitamente medíocres — em todo o caso, saúde-se a sua estreia, evitando pelo menos a condenação automática ao "directo-para-DVD".

Semih Kaplanoglu é dos mais aplaudidos cineastas no panorama contemporâneo do cinema turco. "YUMURTA" (EGG), a terceira longa-metragem de Kaplanoglu valeu-lhe a distinção de Melhor Realizador nos festivais de cinema de Fajr, Valdivia e Bangkok. O filme arrecadou um total de 30 prémios, incluindo proeminentes prémios nacionais como a GOLDEN ORANGE (Festival de Antalya) e a GOLDEN TULIP (Festival de Istambul). O seu filme "SÜT" (MILK) estreou-se, em 2008, no Festival de Veneza, fazendo parte da selecção oficial de diversos festivais internacionais e conquistando prémios como o prestigiado FIPRESCI em Istambul. "MEL" (BAL) é a terceira parte da trilogia de Yusuf, um filme que relata as origens da alma. À semelhança do que acontece nos seus filmes anteriores, o realizador opta por trabalhar sem música. Nascido em 1963, Semih Kaplanoglu foi também autor de diversos artigos relacionados com artes plásticas e cinema, muitos deles traduzidos e publicados no estrangeiro. Gergedan, Gösteri, Cumhuriyet e Sanat Dünyamız forma alguns dos jornais que divulgaram os ensaios de Kaplanoglu entre 1987 e 2003.

Yussuf quando for pequeno

Por: Francisco Valente, Público de 24 de Março de 2011

"Mel" encerra a "Trilogia Yussuf" de Semih Kaplanoglu. Continuamos a andar para trás: depois de já ter sido quarentão e adolescente, Yussuf é agora um miúdo em crescimento na Turquia rural. O princípio, diz Kaplanoglu, é aquilo que fica connosco até ao fim

Depois de "Yumurta" (2007), regresso de um poeta à sua terra natal após a morte da mãe, e de "Süt" (2008), retrato de um adolescente dividido entre a escrita e o pobre trabalho que sustenta a sua família, Semih Kaplanoglu fecha a sua trilogia sobre Yussuf (personagem que é também o

seu alter-ego) com "Mel", retrato da emancipação de uma criança na Turquia rural, que foi Urso de Ouro em Berlim em 2010.

Continuando a olhar para trás, Kaplanoglu mostra-nos desta vez a infância em estado puro que guardamos pela vida fora: a curiosidade da descoberta dos sentidos, a vontade da expressão individual e a timidez que a impede de se soltar, e o eterno elo de admiração da criança pelo seu pai, sob o olhar atento da mãe. O pai de Yussuf, apicultor, procura novas fontes de mel para o sustento familiar, pequenas incursões feitas na companhia do filho, de olhos e ouvidos abertos para cada gesto. Mas será após uma partida solitária para longe que, na ausência da referência paterna, os sentidos de Yussuf se abrirão mais ao confronto entre o isolamento interior no seu diminuído lar, o encontro com as palavras na escola e o puro estado da natureza que circunda a casa. Há um mundo que o chama e que ele abraça, na descoberta da vida e da ausência.

"Em 2005", diz-nos Kaplanoglu, "escrevi um conto sobre um aspirante a poeta de 18 anos que vivia no campo e enviava os seus poemas a jornais literários [segmento da história que filmaria em "Süt", segunda parte da trilogia]. Mas perguntei-me o que aconteceria a essa personagem na sua idade adulta e na sua infância, se poderia continuar a escrever poemas com 40 anos de idade ou se teria de fazer outra coisa para ganhar a vida".

A história da "Trilogia Yussuf", que tem o seu ponto alto em "Mel", é, portanto, a do crescimento invertido de um homem que foi criança, a de um longo caminho de emancipação face à presença espiritual do pai e o amor presente da mãe. A luta de Yusuf pela independência confunde-se com a procura da sua forma de expressão no mundo - a poesia e o uso das palavras. "Ao falar com Orçun, o meu co-argumentista, e com Hande, o meu montador, pensámos numa trilogia", diz-nos o realizador. É uma trilogia ao contrário: "Decidi começar do ponto que conhecia melhor - os 40 anos -, por estar a passar por problemas semelhantes [retratados em "Yumurta"]. Depois de uma certa idade, concentramo-nos mais no passado do que no futuro, talvez por haver uma aproximação à morte ou porque o tempo que já vivemos ser maior do que aquele que vamos viver", explica.

Atrás da cortina

Além de um reflexo dos seus dilemas posteriores, a infância de Yusuf é também a descoberta do mundo que alimentará os sentidos: a imensa floresta onde se situa a sua casa abre o caminho para a aprendizagem das sensações e das palavras que as descrevem. Apesar de ser o último filme da trilogia, "Mel" é também o primeiro: os outros dois filmes começam aqui, quando Yusuf era pequeno.



Mas dizer Yusuf é outra maneira de dizer Semith. A poesia não é apenas a forma de expressão do protagonista: é a forma de expressão do próprio realizador. "Uso um método de simplificação nos meus filmes que aprendi com a poesia. Penso muitas vezes em como tornar a poesia relevante numa forma de arte como o cinema. A expressão poética dos meus filmes é uma consequência desse esforço", diz ao Ípsilon. Toda a "Trilogia Yussuf" revela uma paciente busca do tempo certo de expressão, uma relação cuidada entre a exposição de um sentimento e a escolha de adereços e de palavras numa paisagem natural de imagens. "A poesia é aquilo que fazemos das nossas experiências a partir do que guardamos na nossa linguagem. Não se trata só de colocar os nossos sentimentos em palavras, tem também a ver com o silêncio."

Através da infância de Yussuf, Kaplanoglu tentou ir ao encontro do sentido inicial que se perde ao longo da vida. "A vida põe uma cortina à frente dos nossos sentidos, impede-nos de tocar, cheirar e ver. Quando fiz o filme, tentei encontrar uma maneira de remover essa cortina, queria descrever não só a infância de Yussuf mas também a da humanidade. Pensei muito em como descrever essa pureza, pois julgo que a perdemos nas nossas relações. Falamos muito não por nos darmos

bem, mas porque não conseguimos estabelecer uma verdadeira ligação uns com os outros", sublinha.

O esforço do realizador turco passa também por um método de filmagem assente ainda nas suas formas naturais: sem pós-produção, através de uma rodagem integrada no seu ambiente natural - a província de Rize, na Turquia -, procurando uma conjugação natural de luz e vida nos elementos que compõem a imensidão da paisagem e da floresta. "Interesso-me muito pela natureza", afirma o realizador, "observo-a e tento envolver-me com ela. O sentido do tempo, o nascer e o pôr do sol, as estações, tudo isso tem um efeito em mim. Sinto que não consigo criar se não traduzir isso naquilo que faço."

Todo o seu trabalho vai no sentido de uma necessidade de espiritualidade e de depuração que é o contrário da vida moderna, urbana que nos aliena dos sentidos. "A nossa percepção não está apenas relacionada com o cinema, depende também da quantidade de poesia que lemos, do nosso envolvimento com a arte e a filosofia, e da nossa relação com a espiritualidade. A vida moderna não nos permite questionar a nossa existência e a criação, há uma indolência dominante em relação a isso", argumenta Kaplanoglu.

Um cinema da esperança

Os contornos da "Trilogia Yussuf" relembram os de uma outra descoberta - a do mundo de Apu, jovem personagem do cinema do indiano Satyajit Ray. Também Apu era um aspirante a escritor dividido entre um profundo e desejo de criação e as responsabilidades da vida diária, de que depende a sobrevivência familiar. A procura de uma paz de espírito entre os acessórios materiais da vida é comum ao cinema de Ray e Kaplanoglu. Contudo, é num cinema mais metafísico e já distante de Ray que Kaplanoglu acaba por encontrar as suas influências mais decisivas. "'O Espelho' (1975), de Tarkovski, teve um grande impacto em mim: as sementes e as ideias do que queria fazer no cinema vêm daí, tal como de 'Andrei Rublev' (1966)", diz o realizador. "Foram filmes que marcaram a minha relação com o cinema."

Mas se é o movimento de Tarkovski que marca o tempo do cinema de Kaplanoglu e a sua busca de abstracção, o realizador turco refere ainda a porta aberta pelos filmes de Ingmar Bergman: "Ao criar as minhas personagens, fiz referência à forma de ver de Bergman. Ele coloca as questões mais substanciais e dolorosas sobre a existência do homem moderno. Os seus filmes provam que o cinema pode contar a história da sua insuficiência espiritual, não apenas vagueando pelos corredores sombrios da alma humana, mas dando-nos uma esperança que faz parte do mundo e que nos leva para a própria essência da criação."

Como Bergman, Kaplanoglu vai até à raiz de uma vida. Na sua inocência, Yussuf mostra-nos que aquilo que nos forma nunca nos abandonará. Ele sabe que poderá sempre encontrar aquilo que procura na árvore onde o pai ia buscar o mel para levar para casa.